

UMA INSTITUIÇÃO MODELAR: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS (ESAV) - 1926-1948

*A Model Institution: the experience of the Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) - 1926-1948*

Maria das Graças M. Ribeiro\*

RESUMO

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), atualmente Universidade Federal de Viçosa, foi criada na década de 1920. Tendo adotado como base para a sua organização o modelo dos *land-grant colleges* norte-americanos, a Escola distinguiu-se das instituições congêneres no Brasil na primeira metade do século XX. O presente trabalho examina a experiência da ESAV e o papel que tiveram os seus primeiros dirigentes no sentido de torná-la uma referência no ensino agrícola brasileiro.

**Palavras-Chave:** Escolas Superiores Agrícolas; Educação Superior; Ensino Agrícola Norte-Americano.

ABSTRACT

The *Escola Superior de Agricultura de Viçosa (ESAV)*, actually *Universidade Federal de Viçosa (UFV)*, was created in the 1920' decade. Adopting the North-American *land-grant college* model as the basis of its organization, the *Escola* differed from similars institutions in Brazil in the firs part of the XX century. The present work examines the experience of the ESAV and the role of its first leaders in the sense of to make it a reference in the Brazilian agricultural teaching.

**Keywords:** Agricultural Colleges; Higher Education; North-American Agricultural Teaching.

O presente trabalho, como indica o título, trata da experiência da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), no período entre o início da década de 1920 e o final da década de 1940. Não se trata propriamente de um estudo sobre a educação no campo ou sobre a educação rural, mas de uma experiência particular que envolve uma instituição que acabou por tornar-se uma referência para o ensino agrícola brasileiro.

Atualmente constituída como Universidade Federal de Viçosa, a ESAV adotou o modelo dos *land-grant colleges*, as escolas superiores agrícolas existentes nos Estados Unidos, tendo contado, além disso, com a presença de vários professores que vieram daquele país, levando-a a assimilar padrões da cultura norte-americana.

---

\* Doutora em Educação: História, Política, Sociedade (PUC/SP). Professora de Sociologia da Educação na Universidade Federal de Viçosa. Contato: mariagr@ufv.br

Vale notar que nos Estados Unidos do início do século XX, consolidava-se um projeto hegemônico – o americanismo – no bojo do qual emergia um novo tipo de homem conformado a um novo tipo de produção. Com base em novos padrões intelectuais e morais desenvolviam-se, neste contexto, novos métodos de trabalho associados a um modo próprio de viver e de pensar (Gramsci, 1976).

Exemplar do modelo norte-americano de ensino agrícola no Brasil, a ESAV foi moldada nos padrões do americanismo, tendo contribuído de forma significativa para a sua difusão na educação brasileira. Do mesmo modo, a instituição teve papel relevante no projeto modernizador da agricultura mineira, na primeira metade do século XX, assim como na modernização conservadora da agricultura nacional a partir dos anos 1950, quando participou, já constituída como universidade rural, de forma decisiva na realização dos programas de assistência técnica no bojo da “cooperação” entre o Brasil e os Estados Unidos, na área do ensino e da produção agrícola.

### O ensino agrícola no Brasil

Os primeiros estudos agronômicos sistemáticos no Brasil começaram com a chegada da família real portuguesa, no início do século XIX. O Horto Real, criado, em 1808, na cidade do Rio de Janeiro, e logo transformado em Jardim Botânico, funcionou como estação experimental agrícola, onde foram desenvolvidos os primeiros estudos sobre o cultivo das plantas nativas e a aclimação de espécies. Logo em seguida, foram criados jardins botânicos em várias outras cidades. Em todos os casos, tinha-se em vista principalmente a tentativa de produção de chá para a exportação. A primeira escola voltada para o ensino agrícola, no entanto, foi a Imperial Escola Agrícola da Bahia (1877), mais tarde transformada em Escola Superior de Agronomia de Cruz das Almas. Segundo Mendonça (1998, p.57), esta foi “*a única no país até a década de 1890* “. Logo depois, no entanto, foi inaugurada a Escola Superior de Agronomia de Pelotas (Cunha, 1980).

Foi a partir do início da República, contudo, que os cursos superiores para a formação de agrônomos ganharam impulso.

Segundo Mendonça (1998, p.30),

A temática do ensino agrícola, a despeito de discutida desde o Segundo Reinado, ganhou relevo [...] na medida em que as transformações suscitadas pela Abolição impuseram a necessidade de redefinirem-se as formas de controle e/ou coerção sobre a força de trabalho rural, impedindo sua fuga ao circuito do mercado.

A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), criada em 1901, e a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (ESAMV), criada em 1910, são consideradas por Mendonça (1998) as duas mais importantes instituições no ensino superior agrícola no país, na Primeira República. A primeira acabou por ser incorporada à Universidade de São Paulo (USP), a segunda deu origem à atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A ESALQ foi criada sob os auspícios do governo paulista. Marcada por um acentuado elitismo, a instituição estava voltada principalmente para a reprodução da burguesia agrária de São Paulo, devendo tornar-se, pelos anseios da mesma, uma escola modelo. Já a ESAMV foi uma iniciativa do governo federal, sendo criada pelo decreto n.8319, o qual também estabelecia a primeira regulamentação oficial para o ensino superior agrícola no país, prevendo sua subordinação ao Ministério da Agricultura Indústria e Comércio – MAIC. Diferentemente da ESALQ, a ESAMV estava voltada prioritariamente para a formação de quadros administrativos, distinguindo-se os agrônomos ali formados daqueles formados pela ESALQ “pelo viés de uma extração social, dissociada da grande propriedade” (Mendonça, 1998, p.52).

Além das instituições antes mencionadas, foram criadas, nas primeiras décadas da República, o Instituto Agrônomo e Veterinário de Porto Alegre (1910); a Escola de Agronomia de Manaus (1910); a Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, em Pernambuco (1914); a Escola de Agronomia do Ceará (1918); a Escola Superior de Agronomia e Veterinária do Paraná (1918) e a Escola de Agronomia do Pará (1918). Com exceção da escola gaúcha, que se fez por iniciativa do governo estadual, todas as demais nasceram por iniciativa privada (Cunha, 1980; Capdeville, 1991; Mendonça, 1998).

Foi, contudo, em Minas Gerais que se inaugurou o maior número de escolas agrícolas no período entre 1908 e 1926. Foram então criadas a Escola de Agricultura de Lavras (1908), a Escola de Agronomia e Veterinária de Belo Horizonte e a Escola de Agronomia Salesiano D. Bosco (1914), a Escola Agrícola e Pecuária de Passa Quatro (1917) e a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais, em Viçosa. Exceto a última, de iniciativa do governo estadual, todas as demais eram particulares (Capdeville, G, 1991; Mendonça, 1998). Enquanto as escolas de Lavras e de Viçosa se consolidavam, as escolas de Passa Quatro e Pouso Alegre tiveram vida breve.

A preocupação dos mineiros com o ensino agrícola já se manifestara em 1911, quando, seguindo os passos do governo federal, o governo de Minas Gerais editou o primeiro Regulamento Geral do Ensino Agrícola para o estado (Cometti, 2003).

Vale notar que, até 1910, ano em que foi regulamentado o ensino superior agrícola no país, as instituições eram organizadas tomando diferentes modelos como referência. Algumas adotaram modelos de escolas européias, principalmente o modelo francês, outras, o modelo das escolas norte-americanas. Em alguns casos, havia certo hibridismo, como na ESALQ, onde o modelo francês se mesclou com o norte-americano. De todo modo, foi em Lavras e em Viçosa, principalmente nesta última, onde o modelo norte-americano se fez mais presente.

### ESAV. Origens históricas

A Universidade Federal de Viçosa (UFV) apresenta em suas estatísticas relativas ao ano de 2007, mais de 13 mil alunos matriculados nos seus 38 cursos de graduação e 49 cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Contando com aproximadamente 800

professores, a maioria, com título de mestre e/ou doutor, a instituição oferece ainda dois cursos de nível médio, sendo um deles de tipo técnico <sup>1</sup>.

Localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, acerca de 200 km da capital do estado e acerca de 400 km da cidade do Rio de Janeiro, a UFV nasceu, em 1926, como Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (ESAV). Entre o período de 1948 a 1969, a instituição esteve constituída como Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG).

Não obstante a Universidade seja hoje o principal elemento de dinamização da economia de Viçosa, esta cidade, assim como a maior parte das cidades da Zona da Mata mineira, juntamente com a região sul do estado, constituía uma das principais áreas de produção do café até o início do século XX.

A partir dos primeiros anos deste século, a economia cafeeicultora foi sendo assolada por uma grave crise. Em São Paulo e Minas Gerais, então maiores produtores de café no país, a situação foi tomando dimensões dramáticas. Foi neste contexto que surgiu a ESAV.

Na verdade, a ESAV surgiu por iniciativa de Arthur Bernardes, um viçosense que representando as oligarquias da região da Zona da Mata, ocupou a cadeira do governo de Minas Gerais entre 1918 e 1922, tendo então sido eleito para a Presidência da República.

O primeiro ato de Bernardes no sentido de criar a Escola veio com a assinatura, em seis de setembro de 1920, da lei n.761, que autorizava o governo mineiro a criar sob a sua responsabilidade uma escola superior agrícola e veterinária. Deste modo, em 1921, o decreto n. 5806 do governo mineiro aprovava os planos e a planta da escola, que foi declarada de utilidade pública, assim como a desapropriação de terras para a sua construção em Viçosa, berço do Presidente Arthur Bernardes.

Vale notar que, naquele ano, chegara ao Brasil, procedente dos Estados Unidos, o Professor Peter Henry Rolfs. Este fora contratado por Bernardes, então presidente de Minas Gerais, o qual desejava que a Escola seguisse, conforme anteriormente mencionado, os parâmetros das mais modernas instituições de ensino superior agrícola.

Segundo Rolfs, antes de sua contratação, houve a tentativa de contratar outros especialistas em agronomia. Em suas palavras,

O primeiro indicado foi o Dean Eugene Davenport, que era antigamente professor no Instituto de Agricultura do Estado de São Paulo. Ele não aceitou por julgar-se velho demais para um cargo tão pezado. Em seguida foi indicado o Dr. Rommel, especialista em gene animal. Ele também não aceitou, por não desejar afastar-se do estudo de ciência para dedicar-se a trabalho administrativo. Fui eu o terceiro candidato indicado e aceitei<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Oito décadas de ensino, pesquisa e extensão para a sociedade brasileira. Viçosa, Folder, 2007.

<sup>2</sup> ROLFS, P. H. Destino de Vida. Palestra proferida em encontro de ex-alunos da ESAV, realizado em 1938 e reproduzida em Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais. Associação de Ex-Alunos. Boletim N. 1, Dez., 1938.

Na verdade, os Estados Unidos se tornaram uma referência na Escola de Viçosa, antes mesmo de sua construção. Como observa Bello Lisbôa, o segundo diretor da Escola,

Resolvida, em definitivo, a construção da Escola, deliberou o Governo de Minas seguir em seu plano de trabalho, o mais possível a orientação das escolas congêneres dos Estados Unidos da América do Norte [...].

Sem nenhum favor é a América do Norte o país que [...] possui o melhor sistema do mundo, além de ter certas condições naturais e sociais bem semelhantes às nossas<sup>3</sup>.

Ao chegar a Viçosa, Peter Henry Rolfs acumulava, com a experiência de haver dirigido a *Florida Agricultural Experimental Station* e o *Florida Agricultural College*, a de ex-estudante do *Iowa State College*, no final do século XIX, um dos mais dinâmicos *land-grant colleges* dos Estados Unidos. Nesta instituição, Rolfs obtivera a sua graduação em 1889 e o seu título de mestre em 1891 (Borges *et al*, 2000).

Foi Rolfs quem coordenou a demorada obra de construção da Escola, traçando enquanto isto o seu projeto pedagógico. Também foi Rolfs aquele que por mais tempo esteve à frente da instituição. Além de ter sido nomeado o primeiro diretor da ESAV, Rolfs definiu, por muito tempo, os critérios para a contratação de professores, tendo sido responsável pela indicação de muitos professores contratados para a Escola pelo governo de Minas (Ribeiro, 2008a)<sup>4</sup>.

Na verdade, a demora na construção da Escola era atribuída por Rolfs ao desinteresse do governo mineiro pela mesma, após o afastamento de Bernardes de Minas Gerais para ocupar a cadeira da Presidência da República<sup>5</sup>.

Não obstante as dificuldades, em 28 de agosto de 1926, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais (ESAV) foi então inaugurada com a presença de Bernardes como Presidente da República. A inauguração não significou, contudo, a conclusão nas obras que a Escola exigia. O primeiro alojamento estudantil, condição para o seu funcionamento, somente seria inaugurado em 1927<sup>6</sup>.

### *Finalidades proclamadas e estrutura curricular*

Com a inauguração da Escola, foi editado o seu Regulamento. Neste, a ESAV era definida como “*um estabelecimento de ensino agrícola que tem por fim adquirir e disseminar conhecimentos relativos à economia rural, em todos os seus graus e modalidades*”, conforme

<sup>3</sup> Bello Lisbôa, J. C. Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais. Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária, Anno I, N. 1. Belo Horizonte, 1928, pp.11, 12.

<sup>4</sup> Rolfs permaneceu em Viçosa por dez anos, assumindo em 1926 a direção da ESAV, aí permanecendo até 1929. Neste ano, passa a ocupar o cargo de Consultor Técnico do governo mineiro não obstante continue residindo na Escola.

<sup>5</sup> Carta de Rolfs a Bernardes, escrita em 13-11-1925; localizada no ACH/UFV.

<sup>6</sup> Segundo o Jornal de Viçosa, a “instalação da primeira cumieira do pavilhão dormitório” foi realizada no dia 4 de julho daquele ano, com solenidade, na qual os estudantes da escola hastearam as bandeiras dos Estados Unidos e do Brasil. JORNAL DE VIÇOSA, Ano V, n. 2, 09—7-1927, p.1.

estabelecia o artigo 1º. O mesmo artigo estabelecia ainda que a Escola, “*por conseguinte*”, formaria:

1º) agricultores com conhecimentos científicos necessários à exploração racional do solo; 2º) administradores para os diferentes serviços públicos e particulares que se relacionem com a vida com a vida agrícola em geral; 3º) technologistas para as indústrias intimamente ligadas à agricultura; 4º) engenheiros agrônomos para os serviços de melhoramentos agrícolas; 5º) veterinários para exercício da medicina applicada aos animaes domésticos; 6º) professores para o ensino agrícola em todos os seus aspectos e especialidades.<sup>7</sup>

É interessante notar que a despeito de a ESAV ter sido concebida como instituição de ensino superior, a ela foi atribuído não só o papel de instituição de ensino para a formação de profissionais de nível superior, mas também, como apresentado com clareza em seu Regulamento, o papel de difundir conhecimentos relacionados à atividade agrícola “*em todos os seus graus*”.

Vale ainda notar que o ensino ministrado pela Escola deveria também ter “*o intuito de educar a população agrícola do Estado em todos os assumptos pertencentes à vida rural e melhorar as suas condições moraes, mentaes e econômicas, no mais breve tempo possível*”. Para responder ao vasto leque de atribuições, o Regulamento previa que o ensino na Escola seria organizado do seguinte modo:

[...] em cursos elementares, médios e superiores, em cursos breves, por correspondência, por excursões do pessoal tecnico da Escola, por informações pessoaes, por publicações feitas pelo estabelecimento e por qualquer outro gênero de divulgação oral ou escrita<sup>8</sup>.

O curso elementar tinha a duração de um ano e era considerado “*um systema de educação rudimentar para o preparo de agricultores e capatazes rurais conscientes de sua profissão*”, compreendendo “*o ensino de agricultura e veterinária de character essencialmente pratico*”. Tal curso destinava-se “*a supprir as necessidades educativas, relacionadas com a vida rural, de pessoas que não tinham oportunidade de receber instrucção mais completa*”<sup>9</sup>.

Ainda de acordo com o Regulamento, no curso elementar, os alunos receberiam ensinamentos sobre “*agricultura, criação de animaes domesticos, veterinária, horticultura, pomicultura, jardinocultura, portuguez, arithmetica, historia do Brasil, geographia, especialmente do Brasil, e noções de desenho de contabilidade agrícola*”. Já o curso médio tinha duração de dois anos e era voltado especialmente para filhos de fazendeiros e agricultores “*que não tenham feito o curso gymnasial*”. Voltava-se para a formação de técnicos agrícolas e administradores rurais. No curso médio, as disciplinas lecionadas eram:

<sup>7</sup> MINAS GERAES. Decreto n. 7323 de 25 de agosto de 1926.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Ibid.

[...] botânica, zoologia, physica, molestias das plantas, agricultura, zootechnia, silvicultura, horticultura, pomicultura, industrias ruraes, machinas agricolas, trabalhos de engenharia rural, hygiene veterinária, arithmetica e contabilidade agrícola, álgebra, geometria, portuguez e historia do Brasil <sup>10</sup>.

Os cursos superiores de agronomia e de veterinária tiveram início em 1928, o primeiro, e, em 1931, o segundo, formando as primeiras turmas em 1931 e 1934 respectivamente. Ambos tinham a duração de quatro anos e destinavam-se à

[...] formação de profissionaes de agronomia e veterinária, com ensinamento theorico-pratico integral das matérias indispensáveis ao exercício dessas profissões, aproveitano-se nelles os candidatos que houverem concluído o curso gymnasial <sup>11</sup>.

No curso superior de agronomia, eram

[...] estudadas obrigatória e systematicamente as seguintes matérias: agronomia (agricultura geral e especial); agrologia (geologia, mineralogia, solo); botânica, zoologia (com parasitologia e entomologia e genética (animal e vegetal); microbiologia e phytopatologia, zootecnia (geral e especial, compreendendo também anatomia, physiologia e exterior dos animaes domésticos); chimica (geral, mineral, organica, analytica e agrícola); physica, meteorologia e climatologia; tecnologia das industrias ruraes; engenharia rural, compreendendo topographia, estradas de rodagem, mechanica, machinas, motores, hydraulica agrícola, irrigação e drenagem, construcções ruraes e desenho; silvicultura; horticultura; pomicultura; hygiene; noções de veterinária; economia rural (legislação, direito e administração); mathematica; contabilidade e estatística agrícolas <sup>12</sup>.

Já no curso de veterinária, eram as seguintes as disciplinas ministradas:

[...] physica; chimica mineral, orgânica e biologia; botânica; zoologia; microbiologia; parasitologia; anatomia dos animaes domésticos (descriptiva e regional); histologia e embriologia; physiologia geral e dos animaes domésticos; anatomia e physiologia pathologicas; zootecnia; noções de agricultura; pharmacologia; therapeutica e toxicologia; pathologia, propedeutica e clinica medicas, cirurgias e obstétricas; moléstias contagiosas e parasitarias dos animaes domesticas; hygiene; policia sanitária animal; inspecção e conservação dos productos alimentares <sup>13</sup>.

Também pelo Regulamento de 1927 estava previsto o curso de especialização. Com duração de dois anos, eram “*organizados para altos estudos e pesquisas originaes*

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> MINAS GERAES. Decreto n. 7323 de 25 de agosto de 1926.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Ibid.

*sobre agricultura e veterinária*”. Ainda segundo o Regulamento, as “*matérias*” mencionadas estariam distribuídas “*em quinze cadeiras, que constituirão os departamentos de ensino da Escola*”. Seriam eles: Agronomia; Zootecnia; Horticultura e Pomicultura; Fitopatologia; Solos e Adubos; Silvicultura; Química; Engenharia Rural; Anatomia; Microbiologia e Parasitologia; Fisiologia; Clínica Veterinária; Matemática e Contabilidade Agrícola; Economia e Legislação Rurais <sup>14</sup>.

### A tríade ensino-pesquisa-extensão

Afora as atividades de ensino regular, a ESAV logo desenvolveu atividades de extensão rural, cumprindo as determinações estabelecidas em seu Regulamento. Havia, desde os primeiros anos de funcionamento da Escola, uma intensa troca de cartas entre a sua direção e fazendeiros, não só de Minas Gerais, mas de todo o país. Nestas, eram solicitadas informações sobre o combate a determinadas pragas, o uso de adubos químicos e indicação das melhores espécies vegetais para o plantio em determinadas regiões.

Para uma noção do conteúdo da correspondência entre a direção da Escola e os fazendeiros, cabe nos remetermos a uma carta redigida por Rolfs a um interessado em resolver problemas que aconteciam em sua lavoura. Ele agradece pelo mesmo haver enviado “*folhas de citrus*” para análise pela Escola e informa estar enviando as folhas de volta, juntamente com um parecer sobre os problemas identificados em cada tipo de folha. Rolfs orienta o fazendeiro indicando-lhe a solução para o problema <sup>15</sup>.

Além de distribuir entre os fazendeiros e agricultores catálogos de exposições realizadas pela ESAV, seus diretores também ofereciam aos mesmos a venda de determinados produtos.

Em carta dirigida a um fazendeiro de Cataguazes, por exemplo, Bello Lisbôa observava o desejo da Escola de “*diffusão máxima de seus productos*”, afirmando então:

De acordo com o departamento de Horticultura e Pomicultura deste Estabelecimento, tenho o prazer de informar ser possível o fornecimento de 20 exemplares de mudas de árvores frutíferas, ao preço de 5\$000 por unidade, das variedades: Tangerina Cravo; Tangerina Florida; Laranja Rosa; Laranja Washington <sup>16</sup>.

Em outra carta, dirigida a um fazendeiro da cidade de Ponte Nova, Lisbôa tratava da venda de milho, sugerindo: “*Para sua fazenda é conveniente o cattete que fornecemos pelo preço de \$700 o kilo, correndo o frete por nossa conta* “. Ele acrescentava ainda: “*Offerecemos-lhe também optimo arroz de planta-Honduras, Japonês e Mattão, ao preço de \$800 a Kilo*”, pedindo “*ao amigo enviar por intermédio do Banco a importância referente aos cereaes que deseja adquirir, visto assim exigir o nosso Regulamento*” <sup>17</sup>.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> Carta a Luiz de Almeida, em 22-01-1929. Localizada no ACH/UFV.

<sup>16</sup> Carta dirigida a João anatólio Lima, em 31-05-1929. Localizada no ACH/UFV.

<sup>17</sup> Carta dirigida a Francisco Nevy Godoy, em 05-09-1929.

A intensa correspondência não impediu que o trabalho de contato direto da ESAV junto aos agricultores da Zona da Mata mineira logo fosse estabelecido. Eram realizadas visitas dos professores com seus alunos às fazendas, assim como eram ministrando cursos para pequenos grupos de agricultores que vinham à Escola (Cometti, 2003).

Havia ainda a difusão dos trabalhos realizados na ESAV através de publicações como jornais, boletins e revistas. Além disso, a Escola participava regularmente de exposições e feiras de amostras estaduais, nacionais e em outros países da América Latina.

As constantes visitas de pequenos e médios proprietários rurais à Escola para cursos de breve duração acabou dando origem, em 1929, à “Semana do Fazendeiro”, evento que se inscreveu definitivamente no calendário da ESAV, perpetuando-se pela Universidade Federal de Viçosa que a realiza anualmente (Cometti, 2003; Oliveira, 1987; Silva, 1995).

Vale notar que para alguns autores (Cometti, 2003; Oliveira, 1987) a Semana do Fazendeiro se constituiu como um marco na história da extensão rural no Brasil. Este evento anual contou, por um breve período, com sua versão feminina – o Mês Feminino – criado em razão da solicitação de mulheres fazendeiras que também compareciam aos encontros promovidos pela Escola. No Mês Feminino, eram oferecidas às visitantes orientações sobre horticultura e conservação de alimentos e, ainda, noções de puericultura (Cometti, 2003).

As atividades de extensão desenvolvidas pela instituição passaram a contar, em 1939, com um órgão responsável por sua organização – o Departamento de Educação Rural da ESAV.

Como é possível observar, a extensão rural marcou profundamente a identidade de nossa instituição.

Quanto à pesquisa, não obstante esta tenha sido prevista pelo Regulamento, em 1926, o qual recomendava a realização de “*experiências sobre plantas e animais, além de estudos com o fim de se descobrirem verdades básicas úteis a agricultura e a pecuária do Estado*”, assim como “*se produzirem novas espécies e variedades, com valor econômico*”, a atividade se desenvolveu de forma muito embrionária até a primeira década de existência da Escola.

Na verdade, ela nasceu da necessidade de busca de solução imediata para os problemas na agricultura mineira. Deste modo, seus primórdios se remetem a alguns “experimentos” realizados com tal finalidade, como é possível observar em carta de Bello Lisbôa a um fazendeiro da região de Contagem. Nesta carta, Lisbôa discorria sobre as vantagens do uso do capim jaraguá e do uso do capim meloso, de modo a tirar as dúvidas apresentadas pelo produtor que lhe pedia ajuda para a escolha dos mesmos. Segundo Lisbôa, a Escola realizava então “*alguns trabalhos experimentaes com outras gramíneas, como capim cavallo, capim elephante, rhode, imperial etc*”<sup>18</sup>.

De todo modo, somente no final dos anos 1930 a ESAV passou a organizar de forma sistemática as suas atividades de pesquisa. Foram fundamentais para a organização

<sup>18</sup> Carta dirigida a Deodoro Edison de Oliveira, em 14-09-1929. Localizada no ACH/UFV.

desta atividade a criação de uma Estação Experimental e do Departamento de Genética, Experimentação e Biometria, o qual nascia para se dedicar aos estudos sobre a hibridação do milho.

### Os *land-grant colleges* como modelo

É interessante notar a crença generalizada na atual Universidade Federal de Viçosa quanto ao seu pioneirismo, entre as universidades brasileiras, no que diz respeito à prática da indissociabilidade entre ensino- pesquisa- extensão.

Na verdade, tal crença deriva do fato de a Escola ter sido concebida como um *land-grant college*.

José de Alencar Carneiro Viana (2004), ex-estudante da ESAV e, posteriormente, professor na instituição, é um dos que defende a inspiração norte-americana na construção da Escola em Viçosa. Segundo ele, “*para melhor se entender a ESAV é bom destacar o pioneiro movimento educacional sobre engenharia e agricultura, surgido nos EUA em 1862*” (Viana, 2004, p.293). É ainda Viana quem observa que

Apesar das omissões na programação, tudo leva a crer que a instituição agropecuária de Viçosa nasceu numa tentativa de repetir o modelo dos Land-Grand, ponto de partida essencial da agricultura técnico-científica dos EUA (Viana, 2005, p.290).

Não obstante as freqüentes referências sobre o modelo *land-grant college* por aqueles que se dedicam à preservação da memória da atual Universidade Federal de Viçosa ou estudam a sua história (Azevedo, 2005; Borges *et al*, 2000; Coelho,1992; Cometti, 2003; Lopes,1995; Silva, 1995; Silva, 2007; Viana, 2004), não há entre os que vêm se dedicando a este trabalho maiores aprofundamentos a respeito deste modelo. Deste modo, somente a leitura dos trabalhos de Barrow (1990), Bowman (1962) e Eddy Jr. (1978) tornou possível a sua compreensão <sup>19</sup>.

Na verdade, os *land-grant colleges* foram escolas criadas em meados do século XIX, nos Estados Unidos, tendo surgido para atender reivindicações de pequenos e médios fazendeiros, principalmente do oeste e do meio-oeste norte-americano. Estes reivindicavam do governo federal apoio para a agricultura e a oferta de uma educação voltada para a formação de pessoal para as atividades agrícolas com base em ensinamentos práticos <sup>20</sup>.

Deste modo, a Lei Morrill, aprovada pelo Congresso Nacional, em 1862, vinha contemplar aquelas reivindicação por uma educação vocacional, liberando terras federais para a venda nos estados com o fim de que as receitas resultantes fossem usadas para o treinamento de jovens para a agricultura e as chamadas artes mecânicas. Em cada estado, as receitas resultantes destas vendas deveriam manter e aperfeiçoar,

<sup>19</sup> Sobre o estudo comparativo entre a ESAV e os *land-grant colleges*, ver Ribeiro (2006).

<sup>20</sup> Quando a Lei Morrill foi editada, as terras dos fazendeiros enfrentavam um processo crescente de deterioração do solo por falta de conhecimentos sobre conservação do mesmo.

pelo menos um *college*, no qual a noção de prática fosse a base da educação <sup>21</sup> (Ribeiro, 2006).

É interessante notar que, no início do século XIX, os Estados Unidos poderiam ser caracterizados como um país agrícola, com mais de 80% de sua população vivendo no meio rural. Eram ainda poucas as pequenas cidades ao longo da costa leste, sendo o Oeste inabitado. A sociedade norte-americana se pautava então por uma forte fé religiosa. (Eddy Jr,1978) <sup>22</sup>. Segundo Barrow (1990), o período de inovação que realmente deu início à revolução industrial da América tem o seu marco no ano de 1861.

Assim, a partir da segunda metade daquele século, tem início o declínio da agricultura, o qual coincidiria com a criação de um sistema nacional de ferrovia e a formação de um mercado nacional estruturado (Barrow, 1990).

Quando foi editada a Lei Morrill, o país contava com um número significativo de *colleges*, inspirados nas universidades de Oxford e Cambridge, os quais estavam voltados, de um lado, para a formação dos futuros pregadores e, de outro, para o conhecimento clássico dos jovens *gentlemen*. Os que buscavam uma educação mais erudita iam para a Europa, principalmente para a Alemanha. Foi somente a partir de 1825 com mudanças curriculares realizadas em Harvard que apareceu a moderna universidade norte-americana. De todo modo, foi na John Hopkins University que a pesquisa científica começou a ganhar força, a partir de 1876 (Kerr, 1967).

Segundo Kerr (1967, p.23), a experiência de Hopkins e o movimento do *land-grant college* se constituíram como “*duas correntes*” que

[...] acabaram por tornar-se mais conciliáveis do que se podia crer. Uma era, na origem, prussiana, a outra americana; uma se destinava à elite, a outra era democrática; uma era puramente universitária, a outra era sustentada por suas relações com a terra e com as máquinas. Uma dependia de Kant e Hegel, a outra de Franklin, Jefferson e Lincoln.

De todo modo, como afirma Bowman (1962, p.526), “[...] quando o *Morrill Act* passou não ficou claro de todo o que exatamente os *colleges* deveriam ser e fazer”. Assim, a deficiência do ensino e o despreparo dos professores fizeram-no alvo de constantes ataques. Além disso, a ênfase nos estudos voltados estritamente para as questões do meio rural foi tão forte que, como resultado, algumas instituições eram chamadas popularmente como “*cow colleges*”.

Bowman (1962) observa, no entanto, que, com o passar dos anos, certas características básicas dos *land-grant colleges* podiam ser identificadas, por exemplo, a

<sup>21</sup> Para alguns autores (Bowman, 1962; Kerr,1967), o Senador Morrill, que deu nome à lei, ao mesmo tempo em que se preocupava com a distribuição de terras públicas para grupos privados e com a deterioração do solo nas fazendas norte-americanas, também considerava necessário um novo tipo de educação mais adequada às necessidades do homem do campo. Para Cowley & Williams (1991), no entanto, a idéia de Morrill foi originalmente mais voltada para liberar as terras federais para a especulação do que para promover educação.

<sup>22</sup> Segundo Sellers et al. (1990, p.120), “Durante o primeiro quartel do século XIX [...], a despeito do aparecimento precoce de cotonifícios e fundições de ferro na Nova Inglaterra e Pensilvânia, a maior parte da indústria era ainda da variedade doméstica”.

pesquisa aplicada e a difusão da escolarização e do conhecimento. Na verdade, como afirma a própria (Bowman,1962), a pressão para construir algo para ensinar acabou por estimular a pesquisa de um modo muito prático, encadeando-se assim as duas atividades – o ensino e a pesquisa (Bowman,1962).

A estas atividades, somava-se a extensão. Dado que os *land-grant colleges*, tinham em vista, desde a sua fundação, a produção de conhecimento que tivesse aplicação prática na vida das pessoas, a solicitação por seus serviços foi se avolumando, levando seus professores a produzirem artigos para jornais e boletins e a freqüentarem com regularidade encontros com os fazendeiros. Logo muitos *land-grant colleges* começaram a organizar cursos fora do *campus* e a estruturar seus departamento de extensão. Deste modo, logo se estabeleceu a tripla função de ensino, pesquisa e extensão <sup>23</sup>.

Vale notar que muitas das mais prestigiadas universidades norte-americanas nasceram como *land-grant colleges*, vindo posteriormente a se constituírem como universidades estaduais. Este foi o caso da Universidades de *Cornell*, da *Iowa* e da Universidade da Flórida.

O modelo *land-grant college* chegou a Viçosa pelas mãos de Peter Henry Rolfs e foi Rolfs o maior responsável pela sua difusão no Brasil. De todo modo, o próprio Rolfs afirmava não haver transposto o modelo de ensino agrícola existente nos Estados Unidos para o nosso país. Segundo ele, tal modelo tinha na ESAV uma tentativa de aproximação<sup>24</sup>.

Rolfs admitia, no entanto, ser a ESAV uma instituição diferente das demais instituições do gênero existentes no Brasil.

### Difusão do modelo

Os dirigentes da ESAV tiveram participação nos intensos debates sobre a educação brasileira que aconteciam na década de 1920 e início da década de 1930. Na II Conferência Nacional de Educação realizada em Belo Horizonte, em 1928, por exemplo, Peter Henry Rolfs aparece como uma figura que se destaca pela postura elegante e discreta. Nos registros desta Conferência, Rolfs aparece como um daqueles “*que, raras vezes, elevaram a sua voz na discussão no plenário, mas nos debates das comissões que elevação de cultura e distinção [...]*” <sup>25</sup>.

Para a II Conferência, Rolfs elaborou uma tese, cujo título era *Ensino Agrícola Mineiro e Brasileiro*. Não obstante a mesma não conste na lista de teses apresentadas à

---

<sup>23</sup> Na verdade, a prática extensionista iniciou-se, nos Estado Unidos, através das associações agrícolas, fundadas por fazendeiros que tinham a finalidade de discutir e buscar soluções para os problemas relativos à comercialização e ao aumento da produtividade de suas culturas e da pecuária. Nestas associações eram realizadas palestras, reuniões, feiras e concursos, visando um contato mais estreito entre os chamados farmers. Logo foram criados Conselhos de Agricultura, os quais, junto com as associações, promoviam conferências públicas e cursos de curta duração conjugados aos trabalhos desenvolvidos nos *land-grant colleges*.

<sup>24</sup> Rigorosamente, para que o modelo *land-grant* amadurecesse e se consolidasse seria necessário um fundo publico que mantivesse a Escola e impedisse a grave crise que, nos anos 1930, quase levou à sua desativação. Tal fundo foi constituído apenas em 1948, quando a instituição, seguindo os passos daquelas que a inspiraram, foi transformada em universidade estadual – a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG).

<sup>25</sup> Ver Silva (2004).

Comissão Executiva da Conferência, sua apresentação se fez a convite do então Secretário do Interior de Minas Gerais, Francisco Campos <sup>26</sup> .

Nesta tese, Rolfs fala da vocação agrícola do Brasil e, particularmente de Minas Gerais. Para ele, no entanto, haveria um grande equívoco no nosso ensino agrícola. Em suas palavras,

Quase todos os estabelecimentos de ensino agrícola que se encontram funcionando presentemente neste paiz são apenas um agrupamento de vários departamentos (que frequentemente são excellentes), dando instrucção nas sciencias, cada estudo mais ou menos separado e geralmente sem qualquer relação com a agricultura [...]. Estes vários departamentos raramente se preocupam com a idéia de ensinar a parte da sciencia relacionada com a agricultura pratica, ou o que há de mais moderno quanto à agricultura<sup>27</sup>.

Para Rolfs, a ESAV seguia, no entanto, um caminho diferente. Observando que “*Em verdade, a agricultura constitue um modo de vida*”, ele criticava o que considerava um excesso de disciplinas de cunho teórico e defendia a idéia de que uma escola de agricultura deveria, sobretudo, voltar-se para a aplicação da ciência à agricultura <sup>28</sup>.

Assim, defendendo a supremacia do ensino prático sobre o teórico, Rolfs recomendava aos brasileiros “*que todos os Estados no Brasil tenham sua Escola Superior de Agricultura, dirigida pelo Estado, especialmente destinada a instruir a mocidade rural daquele Estado*”. Estas Escolas deveriam, a exemplo dos Estados Unidos, contar com subvenção do governo federal para garantir o seu funcionamento e o de suas Estações Experimentais <sup>29</sup>.

Do mesmo modo, Rolfs recomendava que os programas das Escolas fossem adequados à agricultura do estado onde a mesma se encontrava, devendo “*ser de fácil modificação, para que sejam sempre mantidos de accordo com o meio*” <sup>30</sup>.

Ainda a exemplo dos Estados Unidos, Rolfs sugeria que as Escolas fossem dirigidas por uma comissão de cinco a nove pessoas nomeadas pelos governos estaduais, às quais caberia a formulação dos “*princípios geraes que deverão ser seguidos pela Directoria e Corpo docente do estabelecimento*”. Deveriam compor estas comissões agricultores de diversas zonas dos estados, os quais, sem remuneração, deveriam representar os diversos setores da agricultura nos mesmos <sup>31</sup>.

Vale notar que, durante aquele evento, Rolfs participou das discussões na comissão encarregada de discutir o Ensino Agrícola. Esta comissão, seguindo a dinâmica das

---

<sup>26</sup> ROLFS, P.H. Ensino agrícola mineiro e brasileiro. These apresentada à Segunda Conferência Nacional de Educação. Rio de Janeiro: Companhia Nacional de Artes Gráficas. Na capa deste documento impresso, localizado no ACH/UFV, há a informação de que o trabalho foi elaborado a convite de Francisco Campos, então Secretário do Interior do estado de Minas Gerais.

<sup>27</sup> Ver Silva (2004).

<sup>28</sup> Idem, p.21.

<sup>29</sup> Ibid. p..27.

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> Idem. p.29.

demais, levou ao plenário as suas conclusões, assinadas por Rolfs, Carlos Penafiel (este com restrições) e Marques Lisboa. Após intervenções de Lourenço Filho, Jayme de Barros e Tobias Moscoso, entre outros, o plenário aprovou todas as propostas da comissão, sete delas formuladas por Rolfs <sup>32</sup>.

Não resta dúvida de que Rolfs teve papel significativo nas deliberações da Conferência no que toca àquele tema. Na verdade, Rolfs triunfava na sua defesa do modelo norte-americano de ensino agrícola, já adotado em Viçosa.

João Carlos Bello Lisbôa, segundo diretor da ESAV, também teve papel relevante na difusão do modelo de ensino adotado em Viçosa. Assim como Rolfs, Lisbôa esteve envolvido nos debates promovidos pela ABE. Em 1931, foi convidado por Fernando Magalhães, presidente da comissão organizadora da IV Conferência Nacional de Educação, “*para realizar uma das dissertações que serão feitas na Associação [...] por ocasião*” daquele evento <sup>33</sup>. Ao final daquele ano, cem congressistas da 4ª Conferência Nacional de Educação visitavam a ESAV (RIBEIRO, 2008b).

A importância da Escola para o ensino agrícola no Brasil ficou registrada em *A Cultura Brasileira* de Fernando de Azevedo (1964). Considerada pelo autor uma instituição modelar, a ESAV certamente constituiu uma referência nos debates sobre o ensino agrícola no Brasil nas primeiras décadas do século passado.

### Considerações Finais

Quando Rolfs, comentava o “*caminho diferente*” adotado pela ESAV em relação às demais instituições congêneres no Brasil, vimos como em sua concepção, “*a agricultura constitui um modo de vida*”. Na verdade, o modelo pedagógico adotado pela ESAV implicava um determinado modo de vida. Ao assimilar tal modelo, portanto, a instituição também assimilava este modo de vida, contribuindo para a formação de “um novo tipo humano”, conforme Gramsci, como mencionado no início deste trabalho.

O papel da ESAV na modernização da produção agrícola não só em Minas Gerais, mas em todo o país já foi aqui demonstrado. Suas atividades em extensão rural contribuíram significativamente para a introdução de novas práticas e novos métodos de trabalho no mundo rural. Do mesmo modo, a ESAV foi das primeiras instituições a introduzir no ensino superior brasileiro os padrões da cultura acadêmica norte-americana. Não por acaso, a Universidade Federal de Viçosa vem se antecipando em muitas das práticas recomendadas, em tempos mais recentes, para as universidades brasileiras. Estas práticas se inserem no processo de americanização que a educação superior vem vivendo em todo o mundo, desde o final do século XX.

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Carta de Fernando Magalhães a Bello Lisbôa, em 3-11-1931, localizada no acervo do ACH/UFV.

## Referências

- AZEVEDO, D. *Melhoramento do homem, do animal e da semente: a organização e funcionamento do projeto político pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (1920-1948)*. Tese. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- AZEVEDO, Fernando. *A cultura brasileira*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1964.
- BORGES, J. Marcondes *et al.* (Editores). *A Universidade Federal de Viçosa no século XX*. Viçosa: Editora UFV, 2000.
- BOWMAN, M. J. The land-grant colleges and universities in human-resource development. *The Journal of Economic History*, v.22, Dec.1962, p.523-546.
- CAPDEVILLE, Guy. *O ensino superior agrícola no Brasil*. Imprensa Universitária. UFV. Viçosa. M.G. Brasil. 1991.
- COELHO, France M.G.. *A produção científico-tecnológica para agropecuária: da ESAV à UREMG, conteúdos e significados*. Tese de M. S.; Viçosa. Minas Gerais,1992.
- COMETTI, Ellen, S. *A extensão Rural realizada pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (1926-1948)*. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Viçosa, 2003.
- CUNHA, Luiz Antônio *A universidade temporã: da colônia à era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1980.
- EDDY JR. Edward. *Colleges for our land and time. The land-grant idea in American education*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1978.
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 2ª edição, 1976.
- KERR, Clark. *The uses of university*. Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- LOPES, Maria de Fátima. *O sorriso da paineira. Construção de gênero em universidade rural*. Tese. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995.
- MENDONÇA, S. R. *Agronomia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.
- RIBEIRO, M. Graças. M. *A presença norte-americana na Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) -1926-1948. Relatório de Pesquisa*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa/Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), 2008a.

\_\_\_\_\_. A Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais e a difusão do americanismo na educação brasileira. Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação. Aracaju, 2008b.

RIBEIRO, Maria das Graças M. Educação superior e cooperação internacional: o caso da UREMGE (1948-1969). *InterMeio*: revista do PPGEdU, Campo Grande, MS, n.25, jan/jun.2007, pp.52-65.

\_\_\_\_\_. Caubóis e caipiras, os land-grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. *História da Educação/ASPHE* (Associação Sulriograndense de Pesquisadores em História da Educação). Pelotas: FaE/UFPel, n.9, 2006, pp.105-119.

\_\_\_\_\_. Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais: um *land-grant college* no Brasil? *Relatório de Pesquisa*. Universidade Federal de Viçosa, 2001.

\_\_\_\_\_ & Valetim, F. A extensão universitária na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais nos marcos dos acordos internacionais. *Relatório de Pesquisa*. Universidade Federal de Viçosa, 2003.

SELLERS, C.; MAY, H.; MCMILLEN, N. R. *Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos. De colônia a potência imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SILVA, Arlete Pinto de Oliveira (Org). *Páginas da história: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2004.

SILVA, Fabrício Valentim. *Ensino agrícola, trabalho e modernização no campo: a origem da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920 - 1929)*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

SILVA, Uiara M. *Extensão universitária: a interação do conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV*. Dissertação de Mestrado. Viçosa: Departamento de Economia Rural. Universidade Federal de Viçosa, 1995.

TOCQUEVILLE, Aléxis. *Um perfil de Norteamérica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

\_\_\_\_\_. *A democracia na América*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

VIANA, José de Alencar Carneiro. *Revolução Cultural Brasileira*. Belo Horizonte: FEMVZ-Editora, 2004.

WARDE, Mírian. J. Cultura e educação. Americanismo e fabricação do “homem novo”. *Projeto de Pesquisa*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

*Recebido em agosto de 2009*

*Aprovado em novembro de 2009*